

PAI

O homem veio até o portão e falou: 'Teu pai, 'Taliba. Teu pai caiu na rua.

Ataliba desceu num pulo os três degraus da frente da casa e acompanhou o homem. Era um dos pedreiros da construção no fim da quadra, camisa avermelhada de pó, capacete amarelo. Estavam por ali há meses, conheciam todo mundo. Ataliba apertou o passo quando viu a aglomeração ao lado da calçada. Depois, correu.

Abriam caminho para ele. Alguém já havia afrouxado a graxa do velho. Ataliba se agachou, encostou a cabeça no peito do pai. Uma mulher virou-se para outra e colocou a mão em continência ao lado da boca: É o filho.

Ataliba segurou o pulso do pai e disse, para todos e para ninguém: Está morto. Daí sentou-se e apoiou a cabeça dele em seu colo. Alguém falou: Vamos levar ele para sua casa.

À noite, uma garoa insistente deixou brilhante o asfalto e ajudou a esfriar um pouco mais. Era aquela hora em que só ficam no velório os parentes e os amigos muito chegados. Havia dez pessoas, contando o defunto. Dois primos com as mulheres, um tio, duas velhinhas da rua, uma delas embrulhada numa mania xadrez. E Ataliba e a mulher, Clara. Foi quando ela entrou.

Era alta, conservada, elegante, o cabelo arrumado. Usava saltos, um vestido escuro, colar de pérolas. O perfume dela, intenso, mas agradável, brigou com o cheiro das velas e das flores. E venceu.

A mulher se aproximou do caixão, tocou as mãos entrelaçadas do velho e fez o nome-do-Pai. E ficou ali em pé. Um longo tempo. De vez em quando passava um lenço dobrado pelos olhos. Quando foi embora, o dia estava amanhecendo.

Ataliba olhou para Clara: Quem será?

Mas ela não respondeu. Estava cochilando de cabeça baixa.

Pouco antes das onze da manhã, o velho foi sepultado. Ao lado da esposa, que havia se matado com fome e com um bom tempo antes. Ataliba nem lembrava direito. Tinha uns doze anos.

Ele falou da mulher para Clara. Os dois estavam limpando os cômodos do quintal, onde o velho tinha vivido.

Clara esticou uma camisa contra a luz, avaliando-a: Vai ver era uma conhecida do seu pai.

Ataliba esperou que ela salsse para cuidar do almoço e vasculhou os pertences do pai. As únicas coisas diferentes que encontrou foram um par de abotoaduras douradas e uma correntinha. Que nunca o tinha visto usando.

No dia seguinte, teve a idéia. Pegou a lista das pessoas que haviam comparcido ao velório e achou o único nome feminino não familiar. Os demais, de um jeito ou de outro, Ataliba sabia quem eram. Então copiou o nome e o endereço num envelope e mandou o santinho com a foto do pai, convidando para a missa de sétimo dia.

A igreja estava com um terço da lotação. Ataliba conferiu: conhecidos, vizinhos, velhos cinzentos. A missa já andava pelo meio quando ela chegou. Preferiu ficar no fundo. De novo elegante, arrumada.

Ao fim da cerimônia, Clara saiu da igreja, enquanto Ataliba recebia as condolências. De olho na mulher.

Ela se aproximou por último. De perto, Ataliba achou-a mais jovem. Os olhos eram bonitos, embora estivessem vermelhos.

Ataliba disse: Me desculpe, mas eu não conheço a senhora.

Era amiga do seu pai, ela disse.

Ele nunca me falou da senhora.

Eu sei.

O velho nunca falava de nada, Ataliba pensou. Nem do calor ou do frio, como os velhos costumam fazer.

Gostaria que a senhora jantasse comigo e com a minha mulher hoje, Ataliba percebeu que ainda segurava a mão dela.

Não sei se eu deveria.

Faço questão.

A mulher olhou de lado, para um santo de expressão triste: Sendo assim, aceite.

Clara estava encostada no carro e viu Ataliba e a mulher saindo da igreja. Ele ofereceu o braço a ela, ajudando-a na escadaria.

Clara teve a impressão de que o marido estava sorrindo.

E Ataliba estava mesmo. Ia começar a conhecer o pai.

AQUINO, MARÇAL. "O amor do

culso de jogar por Aquino

um dos / morçals Aquino

São Paulo: Editora Civilização, 1998

1998 - Fundação Brasileira, 1998